

UMA VISITA A LOURDES: EXPERIÊNCIA VIÁTICA DE UM ESCRITOR CATÓLICO NA SEGUNDA METADE DE OITOCENTOS

MARIA ODETE C. GONÇALVES

*Docente da Licenciatura em Turismo/ISMAI
CEDTUR – Centro de Estudos de Desenvolvimento Turístico*

Tendo por base os contextos epocais caldeados na obra *Uma visita a Lourdes*, de Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar¹, propõe-se uma reflexão em torno da experiência viática deste expoente do catolicismo oitocentista.

Ancoradas numa matriz peculiar, diversas são as marcas textuais capazes de remeter o leitor para o universo da literatura de viagens, tornando-se, então, indispensável a referência a todo um imaginário de peregrinação que lhe serve de suporte². Este testemunho de viagem baseia, pois, na descoberta do “outro”, bem como na identificação do “eu” em trânsito num tempo e num espaço marcados por um universo de referência, questionando ou rectificando pelo Autor sem, contudo, perder de vista as principais motivações que o orientam, mormente as religiosas e doutrinárias.

Visando, assim, a conciliação de espaços diferentes – o individual e o colectivo, o uno e o diverso –, esta escrita prenuncia, claramente, o que hoje entendemos por interculturalidade.

1. Neste seguimento, já na *Declaração* de abertura ao livro³, confirma-se o respeito do autor pelas orientações da “Egreja Catholica”, fazendo *jus* ao seu tão afirmado catolicismo Romano, transmitindo a vontade de se identificar com um comum viajante, cujas referências de viagem se inscrevem na “linguagem vulgar”⁴, de modo a melhor transmitir as impressões ou emoções de um “romeiro”.

Estamos, então, perante um narrador-viajante que à guisa de “notas de viagem” transmite ao leitor o seu olhar, sem se coibir de projectar uma marca pessoal, ideológica e religiosa, que legitimará pela escrita, reforçada pelo seu estatuto de homem de letras e expoente do pensamento católico de então⁵.

¹ SAMODÃES, Conde de, 1886 – *Uma visita a Lourdes, à cidade da Imaculada Conceição, no mez de Setembro de 1886. Narração de um romeiro*. Porto: José Fructuoso da Fonseca.

² PAGEAUX, Daniel-Henri,, 2004 – *Da imagética cultural ao imaginário*. In “Compêndio de literatura comparada”, org. de Pierre Brunel e Yves Chevrel, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 145.

³ SAMODÃES, 1886: 7.

⁴ SAMODÃES, 1886: 7.

⁵ Líder do designado movimento católico, (re)organizado nos inícios da década de 70 do século XIX em torno da Associação Católica do Porto e do jornal católico *A Palavra*, Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar, 2º conde de Samodães, marca pela seu pensamento e acção os momentos decisivos

Embora se pressinta uma escrita cuidada, existem marcas de coloquialidade que têm por fim aproximar o leitor da experiência viática do narrador, verificadas em expressões como “Sim, essa mulher saudada pelo divino mensageiro [...]”⁶, ou ainda “Mas essa mulher tão amada, tão querida, tão estremecida [...]”⁷, que surgem de modo a reafirmar ou enfatizar as convicções do autor, provocando simultaneamente a adesão do leitorado em relação à opinião aqui expressa.

Já no que ao culto da Virgem diz respeito, atente-se no excerto “Em parte nenhuma como em Lourdes, elle se manifesta tão brilhante, esplêndido e majestoso”, comentário que veicula as suas posições no incremento do culto mariano, um dos “maiores motivos devocionais da época”⁸, tão bem expresso no livro do autor coevo monsenhor Ségur, *As três rosas dos escolhidos*, prefaciado e vertido para português por Samodães⁹, onde tal motivo é acrescido do fervor eucarístico e ao Papa, elementos estes distintivos do que era, então, considerado lastro do “catolicismo autêntico”¹⁰.

As comparações utilizadas concorrem para caracterizar o santuário de forma a impressionar favoravelmente o leitor “[...] o visitante do famigerado Sanctuário depara ahí o que de mais guindado se póde conceber, o coração fica allí prezo, como se um íman poderoso exercesse sobre elle uma attracção irresistível”¹¹. Daqui se

do processo organizativos dos católicos nos últimos quarenta anos da monarquia constitucional. Oficial do exército na juventude, graduado em Matemática pela Universidade de Coimbra, devotou ininterruptamente a sua acção à causa pública, quer como parlamentar na Câmara dos Deputados e, ulteriormente, na dos Pares, quer como ministro da Fazenda, Presidente da edilidade portuense e Governador Civil do Distrito. Homem de letras, foi um dos mais conceituados e apreciados escritores e jornalistas católicos do seu tempo, em cujos escrito ficam as marcas da sua militância pela separação dos objectivos religiosos dos objectivos políticos, independentemente das opções eclesiais e político-partidárias. Foi, pois, pioneiro entre nós da defesa de um *ralliement* às instituições e ao regime, o que o torna um modelo do duplo acatamento, ao regime liberal e ao Papa (Leão XIII, de quem era, de resto, amigo pessoal). CLEMENTE, Manuel, 1986 – *Perfil de um leigo: Francisco d’Azeredo Teixeira de Aguilar*. “Laikos”. Lisboa. 9: 4, Outubro-Dezembro, 471-496; GONÇALVES, Eduardo C. Cordeiro, 2004 – *Católicos e política. (1870-1910): o pensamento e a acção do conde de Samodães*. Maia: Publismai; GONÇALVES, Eduardo C. Cordeiro, 2004 – *O conde de Samodães e o discurso conciliador entre catolicismo e liberalismo político*. “Lusitana Sacra”. Lisboa. Universidade Católica Portuguesa, 2ª Série: 16, 87-109.

⁶ SAMODÃES, 1886: 10.

⁷ SAMODÃES, 1886: 11.

⁸ CLEMENTE, Manuel, 2000 – *A vitalidade religiosa do catolicismo português: do Liberalismo à República*. In “História Religiosa de Portugal – 3. Religião e Secularização”, direcção de Carlos Azevedo, Lisboa: Círculo de Leitores, 115.

⁹ SÉGUR, Monsenhor, 1880 – *As três rosas dos escolhidos*. Prefácio e tradução da segunda edição francesa por Francisco de Azeredo Teixeira de Aguilar, conde de Samodães. Porto: Editor José Fructuoso da Fonseca.

¹⁰ Samodães pertencia ao grupo dos que, então, entendiam a fê religiosa autónoma das opções político-partidárias. Este catolicismo assumia-se como atitude estritamente religiosa. A este propósito, veja-se: GONÇALVES, 2004: 149-152.

¹¹ SAMODÃES, 1886: 11.

deduz a sua vontade em deixar-se conduzir pelas “saudades e não [pela] curiosidade de ver factos miraculosos”, e pelo desejo de verificar se “a Lourdes moralizada que vi ha annos, se mantinha ainda no mesmo pé, conservando o mesmo fervor religioso que a tornava excepcional entre todas as povoações que tenho visitado”¹², razão que levam a defender a ideia da cidade de Lourdes como “um modelo” e a assumir a sua viagem como a satisfação de “uma curiosidade que nada tinha de ociosa”¹³.

Todo o texto está eivado de notas de cunho extremamente pessoal, ressaltando daí uma escrita baseada em experiências emotivas, tal como se verifica pela repetição de deícticos possessivos em expressões como “O meu sentimento religioso”, “a minha alma”, “a minha saudade”, “o meu pequeno paiz”¹⁴.

Com o progredir do texto vai sendo reiterado um contrato de leitura baseado na partilha de experiências de viagem, patente em “Quem tem visitado as grandes aglomerações de casas, de praças e avenidas, quer em França, quer fora dela, sabe quanto se afastam do recolhimento religioso aquelles que ahi abitam ou concorrem [...]”¹⁵ ou “Quem tem percorrido a linha do Meio-dia de França [...], sabe perfeitamente [...]”¹⁶, sendo que através desta partilha de saberes procura legitimar o relato¹⁷, atribuindo-lhe um estatuto de fiabilidade, porque experimentado colectivamente. Demais, estratégias como o uso de um sujeito ampliado, “Estamos em Hespanha”¹⁸ ou “Estamos em presença do sobrenatural”¹⁹, surgem numa tentativa de transferência da experiência pessoal para algo extensível ao leitor. Há, assim, a intenção de transformar um texto à partida individual, num território comum, com o apelo à conciliação dos dois espaços possíveis, o colectivo e o individual – o uno e o diverso²⁰. Daqui resulta o confronto entre novos territórios ou microterritórios, num prenuncio do conceito hodierno de interculturalidade.

2. Cabe ainda analisar o hibridismo característico do género patente, por exemplo, em largas referências a um suporte periodístico desenvolvido simultaneamente, de resto, tal o verificado em passagens como “Julguei que seria conveniente escrever alguma cousa sobre o que vi, e publiquei uma série de artigos [...]”²¹.

¹² SAMODÃES, 1886: 15; 18.

¹³ SAMODÃES, 1886: 19.

¹⁴ SAMODÃES, 1886: 16.

¹⁵ SAMODÃES, 1886: 25.

¹⁶ SAMODÃES, 1886: 44.

¹⁷ Cf. OUTEIRINHO, Fátima, 2002 – *Viagens a Espanha: em torno de alguns relatos d viagem oitocentistas*. “Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas”. Porto. Nº 19, 289.

¹⁸ SAMODÃES, 1886: 56.

¹⁹ SAMODÃES, 1886: 45.

²⁰ A este propósito, veja-se o conceito de “local e universal” em GUILLÉN, Cláudio, 2001 – Entre o Uno e o Diverso. In “A Floresta Encantada: novos caminhos da literatura comparada”, organização de Helena Buesco, João Ferreira Duarte e Manuel Gusmão, Lisboa: Dom Quixote, 387 e segs.

²¹ Com efeito, em pesquisa feita no jornal católico português *A Palavra*, fundado e dirigido por Samodães, verificamos a publicação de uma série de artigos de fôlego sobre Lourdes e outros

No que concerne à diversidade e alternância próprias deste género, cabe referir o recurso a diversos tipos de segmentos discursivos, narrativas encaixadas ou micro-narrativas, descrições mais ou menos pormenorizadas dos locais visitados ou até reflexões de índole confessional, sendo que a natureza do texto varia consoante as circunstâncias envolventes do autor, adaptando-se às motivações que orientam a escrita. Com efeito, a presença de alguns episódios de âmbito taumatúrgico, alternando com descrições do santuário, entrecruzadas com avaliações pessoais do meio visitado, tornam bem evidente a articulação harmoniosa de toda esta diversidade.

No domínio do diálogo intertextual ou da exploração de redes intratextuais é importante referir o conhecimento que este autor revela de outros escritores devotados ao mesmo temário, encarando-os mesmo como de índole matricial. Exemplo desta relação palímpsestica é a referência à sua proximidade a um dos autores mais conceituado sobre o fenómeno religiosos de Lourdes, Henri Lasserre: “Há muito que eu me correspondia com o celebre historiador de Nossa Senhora de Lourdes, o amigo predilecto de Monsenhor Peyramale e da Santa Vidente [...]. O senhor Lasserre é um monumento vivo de Lourdes; elle conhece tudo quanto se há passado aqui [...]”²². Os dois escritores aparecem de tal modo ligados que Samodães chegou a traduzir e prefaciara *Os episódios miraculosos de Lourdes*, obra de referência de Henri Lasserre²³, resultando muitas vezes na sensação do “dêjà lu”²⁴.

Mesmo em relação a certas marcas culturais assinaladas por Samodães, ainda que pela negativa, aquando da sua estadia em Salamanca, tal o caso da tourada, o autor alude o conhecimento desse imaginário transformado em *cliché*, vulgarizado por autores como Théophile Gautier, onde aquele universo hispânico é explorado²⁵.

Quer relativamente à Espanha, quer à França, o conde de Samodães assinala uma preocupação que antecipa o que hoje se assume como visão comparatista ao traçar as convergências face ao estrangeiro, repensando o seu enquadramento

locais de culto mariano. SAMODÃES, Conde de, 1878 – *Nossa Senhora de Lourdes I*. “A Palavra”. Porto. 7: 1827, 12 Setembro, 1-2; SAMODÃES, Conde de, 1878 – *Nossa Senhora de Lourdes II*. “A Palavra”. Porto. 7: 1829, 14 Setembro, 1-2; SAMODÃES, Conde de, 1878 – *Nossa Senhora de Lourdes III*. “A Palavra”. Porto. 7: 1830, 16 Setembro, 1-2; SAMODÃES, Conde de, 1878 – *Nossa Senhora de Lourdes IV*. “A Palavra”. Porto. 7: 1832, 18 Setembro, 1-2; SAMODÃES, Conde de, 1878 – *Nossa Senhora de Lourdes V*. “A Palavra”. Porto. 7: 1835, 21 Setembro, 1-2; SAMODÃES, Conde de, 1878 – *Bétharram*. “A Palavra”. Porto. 7: 1859, 21 Outubro, 1; SAMODÃES, Conde de, 1880 – *A aparição de Nossa Senhora em Knock*. “A Palavra”. Porto. 8: 2384, 24 Julho, 1-2; SAMODÃES, Conde de, 1880 – *A aparição de Nossa Senhora em Knock II*. “A Palavra”. Porto. 8: 2385, 26 Julho, 1-2; SAMODÃES, Conde de, 1880 – *A aparição de Nossa Senhora em Knock III*. “A Palavra”. Porto. 8: 2387, 28 Julho 1880, 1.

²² SAMODÃES, 1886: 72; 73.

²³ LASSERRE, H., 1883 – *Os episódios miraculosos de Lourdes, por H. Lasserre*. Tradução e prefácio de Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar, conde de Samodães. Porto: José Fructuoso da Fonseca.

²⁴ GUILLÉN, Cláudio, 1998 – *Tristes tópicos: imágenes nacionales y escritura literária*. In “Múltiplas Moradas – Ensayo de Literatura Comparado”. Barcelona: Input Eds., 353.

²⁵ Cf. GAUTIER, Théophile, 1840 – *Voyage en Espagne*. Paris: Classiques. ,

perante a realidade nacional. Vão neste sentido expressões como “Comparando as áreas e os números das populações das duas nações [...]” ou “D’esse estudo comparativo [...]” e “Comparando todos estes factos e aproximando-os no meu espírito[...]”²⁶.

Começando pela Espanha, e apesar do leitor ser advertido para a existência de rivalidades ancestrais, pressente-se na escrita de Samodães uma certa relação de filia com este país muito bem expressa em “[...] eu sempre amei a Hespanha. Amo-a pelos seus feitos heróicos, pelo seu ardente patriotismo, pelas suas boas letras, pelos seus pintores, pelo seu inquebrantável sentimento religioso”²⁷. Particularizando, centra a atenção em Salamanca, cidade que considera um modelo pelo seu fervor religioso a par da sua centralidade universitária, cidade que nas suas palavras salpicadas por subtil ironia “[...] vale mais como literata, religiosa e monumental do que pelas feiras, pelas corridas de touros e por outras bellezas que a alguns visitantes causaram mais sensação”²⁸, criticas certeiras dirigidas a uma certa imprensa liberal e republicana com a qual polemizava há anos: “Que diriam os representantes de tal imprensa quando vissem a cidade coberta de conventos... Por sem duvida ficariam horrorizados, se chegaram a voltar a atenção para outra cousa que não fossem os touros e os banquetes [...]”. Tal divergência é rematada pela afirmação “Para ver uma feira e uma corrida de touros, por certo não deixaria o socego da aldéa, onde costume passar o Verão. Para essa festa era convidada a imprensa portugueza”²⁹.

Em suma, é o sentimento religioso que se experimenta em Salamanca que mais marca o narrador, havendo outros aspectos de matriz político-religiosa que o levam a reflectir longamente sobre a questão que tanto o absorvia, até porque Samodães é, então, um paladino da defesa da liberdade religiosa em Portugal. Transparece isto mesmo em reflexões como “Em Hespanha o espírito público faz justiça aos jesuítas e elles subsistem e florescem. Em Portugal quando falham os argumentos, appella-se para o tumulto, para a assoada, para o berreiro [...]”³⁰.

Subsume-se nesta experiência viática de Samodães uma relativa fobia ao falar de França, tão manifesta em considerações como “[...] uma pequena villa de um grande paiz adquirisse uma nomeada maior do que a sua esplendida capital, a mais bella cidade da Europa”³¹. Esta posição vai aparecer numa constante ao longo do texto, sendo disso exemplo expressões como “Sobre isto eu não podia deixar de concluir pela primazia da França”³², e mesmo na adversidade é hábil a forma como o autor consegue manter essa admiração incondicional pelo país

²⁶ SAMODÃES, 1886: 16-17; 55.

²⁷ SAMODÃES, 1886: 34.

²⁸ SAMODÃES, 1886: 42.

²⁹ SAMODÃES, 1886: 34-35.

³⁰ SAMODÃES, 1886: 40-41.

³¹ SAMODÃES, 1886: 13.

³² SAMODÃES, 1886: 16.

“Em França existe muito sentimento religioso, mas onde elle faltar, existe ao menos a boa educação, e quem a tiver, em parte possui alguma cousa, que supre a deficiência d’aquelle”³³.

Concluindo, o fio condutor da obra alvo desta nossa análise reflecte a vontade latente no narrador de confrontar o seu imaginário individual com o do “outro”, com uma realidade alheia, baseado, amiúde, em relatos por todos conhecidos³⁴. Tudo isto resultando num redimensionar do “eu” face ao “outro”, sendo que este texto aparece sempre enquadrado no âmbito da escrita de e sobre a alteridade, o que possibilitará a diferenciação – o “outro” *versus* “eu” – ou a assimilação – o “outro” espelho do “eu”.

Este exercício é cerzido com vista a repensar a realidade nacional numa perspectiva hoje designada comparatista, lançando o autor, deste modo, gérmes característicos do espírito crítico e da vontade da partilha de experiências, neste caso viáticas, entrando num espaço colectivo, perspectivado sempre através de um olhar individual.

A. Bibliografia Primária

- LASSERE, Henri, s.d. – *Notre-Dame de Lourdes*. Paris: P. Lethielleux.
- LASSERE, Henri, s.d. – *Mois de Marie de Notre-Dame de Lourdes*. Paris: P. Lethielleux.
- LASSERRE, Henri, 1883 – *Os episódios miraculosos de Lourdes, por H. Lasserre*. Tradução e prefácio de Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar, conde de Samodães. Porto: José Fructuoso da Fonseca.
- SAMODÃES, Conde de, 1886 – *Uma visita a Lourdes, à cidade da Immaculada Conceição: narração de umromeiro*. Porto: José Fructuoso da Fonseca.
- SAMODÃES, Conde de, 1888 – *O mez de Maio, consagrado à Santíssima Virgem Mãe de Deus: novo manual para os exercícios de devoção neste mez com a colaboração poética de António Moreira Bello*. Porto: Escola Tip. Oficina S. José.
- S. [Conde de Samodães] – *Nossa Senhora de Lourdes*. “A Palavra”. Porto. 7: 1827 (12 Set. 1878) 1-2.
- ___ *Nossa Senhora de Lourdes II*. “A Palavra”. Porto. 7: 1829 (14 Set. 1878) 1-2.
- ___ *Nossa Senhora de Lourdes III*. “A Palavra”. Porto. 7: 1830 (16 Set. 1878) 1-2.
- ___ *Nossa Senhora de Lourdes IV*. “A Palavra”. Porto. 7: 1832 (18 Set. 1878) 1-2.
- ___ *Nossa Senhora de Lourdes V*. “A Palavra”. Porto. 7: 1835 (21 Set. 1878) 1-2.
- ___ *Bétharram*. “A Palavra”. Porto. 7: 1859 (21 Out. 1878) 1.
- ___ *Bibliographia: Recordações e impressões de viagem, por João Baptista de Freitas*. “A Palavra”. Porto. 8: 2361 (5 Julh. 1883) 1
- ___ *Os santuários: Lourdes*. “A Palavra”. Porto. 18: 98 (8 Out. 1889) 1-2.
- SÉGUR, Monsenhor, 1879 – *As três rosas dos escolhidos, por Monsenhor Ségur*. Tradução da segunda edição francesa por Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar, conde de Samodães. Porto: José Fructuoso da Fonseca.

³³ SAMODÃES, 1886: 56.

³⁴ “El viagem no es pretexto de saber o de entendimento, sino de escritura e reescrita”. GUILLÉN, 1998: 349.

B. Bibliografia Secundária

- GAUTIER, Théophil, 1840 – *Voyage en Espagne*. Paris: Classic.
- CHEVREL, Yves, 2006 – *La littérature comparée et la quête d'un territoire*. In “Comparer l'Étranger: Enjeux du comparatisme en littérature”, direction de Émilienne Baneth-Nouailhetas. Rennes: Presses Universitaires de Rennes. 49-63.
- GUILLÉN, Cláudio, 1998 – *Tristes tópicos: imágenes nacionales y escritura literária*. “Múltiplas Moradas – Ensayo de Literatura Comparada”. Barcelona:
- GUILLÉN, Cláudio, 2001 – *Entre o uno e o diverso: introdução à literatura comparada*. In “Floresta encantada – Novos caminhos da literatura comparada”, organização de Helena Buescu, *et alli*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 385-409.
- OUTEIRINHO, Fátima, 2002 – *A viagem a Espanha: em torno de alguns relatos de viagem oitocentista*. “Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas”. Porto. 2ª Série: 19, 287-300.
- OUTEIRINHO, Fátima, 2000 – Representação do Outro e identidade: um estudo de imagens na narrativa de viagem – II. Um estudo de Caso: a narrativa de viagem oitocentista. “Cadernos de Literatura Comparada”. Porto. Granito Editores e Livresiros/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Nº 1, Dezembro, 101-118.
- PAGEAUX, Daniel-Henri, s.d. – *Da imagem cultural ao imaginário*. In “Compêndio de Literatura Comparada”, organização de Pierre Brunel e Yves Chevrel. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 133-166.

